



A FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Máyra Luísa Nogueira Correia¹ - UESB
Dinalva de Jesus Santana Macêdo - UNEB

Resumo

Este resumo visa apresentar reflexões sobre a formação docente para a educação das relações étnico-raciais, numa abordagem decolonial. Compreendemos que a formação é espaço privilegiado e central para a construção de práticas educativas antirracistas. Assim, realizamos entrevistas com quatro professoras e a coordenadora pedagógica, com o intuito de saber se já haviam participado de cursos voltados para a temática étnico-racial. Os resultados apontam a ausência de estudos frente a essas questões, o que dificulta promover rupturas epistemológicas, bem como, rejeitar representações hegemônicas, eurocêntricas e colonizadoras de currículos, instituições, infâncias e crianças. Nesse sentido, é necessário transgredir a formação docente que imprime uma concepção europeia de conhecimento e de mundo, a qual não possibilita outras possibilidades de pensar e agir frente às relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Formação docente. Perspectivas decoloniais. Educação Infantil. Relações étnico-raciais.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o campo da educação é permeado por situações de disputa de narrativas, demarcadas pela modernidade/colonialidade a partir de uma única versão da história considerada como válida. A predominância de uma educação colonial que verticaliza os currículos e orientam as práticas educativas, faz com que as histórias, culturas, as formas de ser, saber e existir dos indígenas, afro-brasileiros e africanos não sejam contadas sem serem estereotipadas, estigmatizadas e subalternizadas, prevalecendo uma visão universal de mundo como verdadeira, pautada nos princípios europeus.

¹ Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.



Ante a esse desafio, torna-se imperativo refletirmos sobre a formação docente, uma vez que suas bases ainda se encontram alicerçadas em conceitos europeus, os quais não agregam novas possibilidades de pensar e agir frente ao tema (Fuchs, 2019).

OBJETIVO(S)

Discutir a formação docente para a educação das relações étnico-raciais numa perspectiva decolonial.

METODOLOGIA

Optamos pela metodologia decolonial por compreender que essa perspectiva exige desobediência epistêmica e contrapõe a visão eurocêntrica de conhecimento. Na coleta de dados, realizamos entrevista semiestruturada com as professoras e a coordenadora pedagógica, a observação participante em duas salas de aula e o diário de campo. Para a análise e discussão, elaboramos uma matriz metodológica, a partir dos objetivos da pesquisa e dos dados coletados, destacando os marcadores de colonialidade e decolonialidade com as categorias ontológicas do poder, saber e ser.

Este resumo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve o objetivo de compreender como as práticas educativas das professoras de um Centro de Educação Infantil do município de Riacho de Santana-BA dialogam com a temática étnico-racial. Devido o quantitativo de dados, optou-se por apresentar a análise e discussão acerca da formação docente para a educação das relações étnico-raciais sob uma perspectiva decolonial. Importante se faz ressaltar, não distinguimos os dados coletados entre o grupo de professoras e a coordenadora pedagógica, a fim de preservar o anonimato das identidades das interlocutoras, assim como, não realizamos uma análise linear.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Diante da relevância em discutir sobre a formação docente, com a perspectiva de educar sujeitos críticos, reflexivos, questionadores e sensíveis, sob um viés insurgente que



interrogue a monocultura do saber, iniciamos o nosso diálogo com as interlocutoras partindo do seguinte questionamento: Já participou de cursos voltados para a temática étnico-racial na Educação Infantil?

As professoras afirmam que sim, e acrescentam, “Já participei do curso, mas não lembro se foi na Educação Infantil” (Professora 1). “Sim, em 2022, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação. Sugeriram livros, como o cabelo de Lelê e a menina bonita do laço de fita. Indicaram a leitura de livro que aborda como devemos trabalhar esse tema na Educação Infantil, pois é um tema muito pesado” (Professora 2). Perguntei o nome do livro que havia sido sugerida a leitura e se teria lido, mas a professora disse que não se recordava do nome e também não havia lido. A Professora 5 afirma ter participado nas seguintes condições: “Participei, mas em outros municípios, Guanambi e Bom Jesus da Lapa, um simpósio em Lapa e outra vez foi um seminário em Guanambi”. E a Professora 3 diz: “Sim, sempre tem as formações promovidas pela Secretaria Municipal de Educação”.

A única interlocutora que alegou não ter participado foi a Professora 4 e complementa: “Não, *por eu trabalhar na Educação Infantil eu nunca participei*, participo de palestra, mas curso mesmo sobre o tema, não” (Professora 4, grifo nosso).

A fala dessa professora nos permite refletir sobre os espaços de formação docente inicial e/ou continuada enquanto lugares privilegiados para ocorrer uma mudança epistemológica da perspectiva eurocêntrica para a decolonial desde a Educação Infantil. No entanto, só será possível a partir do trabalho crítico, reflexivo e transgressor perante as legislações existentes, no sentido de criar metodologias que sejam capazes de acessar as subjetividades, despertando a consciência decolonial, ao passo que produza atitudes decoloniais, não confundindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura da África, afro-brasileira e indígena, com a mera inserção de novos conteúdos, ou criação de uma disciplina, trata-se de uma mudança estrutural, epistemológica, conceitual e política.

Nesse sentido, a formação docente decolonial é crucial para desfazer essa mentalidade e passa necessariamente pelo reconhecimento da existência do racismo no interior da sociedade e da escola, desde os anos iniciais. Reconhecer e problematizar permite que tais práticas sejam identificadas e evitadas. Cabe às (aos) professoras (es), gestoras (es) e todas as pessoas



que fazem parte do ambiente educacional reconhecerem a dinâmica das mudanças sociais no tempo e no espaço, reconhecendo-se como parte integrante de um processo ativo, exigindo que concepções e práticas sejam constantemente repensadas.

As falas das professoras confirmam o silenciamento existente nos currículos e nas práticas para a formação docente, em relação ao trabalho com a temática étnico-racial e principalmente na Educação Infantil. Podemos perceber isso nos relatos das professoras ao serem questionadas se a Secretaria Municipal de Educação oferece cursos para a diversidade étnico-racial. As respostas perpassam entre sim e às vezes, e justificam: “Sim, porque eu já presenciei” (Professora 1). A Professora 2 alega que por ter pouco tempo atuando “o único curso que teve foi uma formação que aconteceu em outubro de 2022” (Professora 2). “Sinceramente não lembro, acho que participei somente de um curso de formação este ano, mas não voltado para a questão étnico-racial” (Professora 3).

As narrativas apontam para a invisibilização da temática no geral e especificamente na etapa da Educação Infantil, no sentido de não haver uma formação específica para as (os) professoras (es), o que acarreta a falta de compreensão e reconhecimento da importância de se trabalhar a educação para as relações étnico-raciais com as crianças, principalmente na Educação Infantil, etapa em que as crianças estão construindo suas identidades com seus pares.

A nossa aposta para reverter esse panorama, é investir nas formações docentes iniciais e continuadas pautadas na decolonialidade e interculturalidade crítica (Walsh, 2009), a fim de gerarmos rupturas epistemológicas, para a construção de um novo espaço epistêmico, a partir da interação entre os conhecimentos tidos como subalternizados (africanos, indígenas) e os hegemônicos (europeus), sempre questionando essa perversidade. Araujo (2022, p. 130) salienta que “[...] uma formação para a interculturalidade supõe novas linguagens, novos conceitos e novos paradigmas na construção do conhecimento e novas estratégias pedagógicas e didáticas”.

As ações e práticas que definimos como insurgentes/decoloniais, se opõem à lógica hegemônica de referência eurocentrada e se transformam no lugar e espaço a partir do estímulo de ações, militâncias, resistências, insurgências e transgressões, ou seja, são as pedagogias



das brechas, das fissuras e rachaduras do poder moderno/colonial que devem marcar nossas relações em sociedade.

CONCLUSÕES

A formação docente tem um papel primordial para desconstruir a visão universal eurocêntrica de mundo, possibilitando uma compreensão diversa, dos modos de ser, estar e existir, que ultrapassa as questões pedagógicas e didáticas e assim, oferecer subsídios aos (às) professores (as) para abordarem as diferenças, apresentando-lhes concepções pedagógicas outras, inspiradas em outras epistemologias, no sentido de que “essas outras pedagogias são contra as pedagogias com que foram pensados e produzidos como subalternos [os saberes que não se encaixam na lógica da modernidade]” (Arroyo, 2014, p.19).

É urgente uma formação decolonial, que desconstrua a colonialidade do ser, do poder e do saber. Isso vai exigir de nós, uma intenção explícita e uma ruptura epistemológica de não reproduzir no próprio campo da ação pedagógica, os modos de pensar e tratar os Outros como sub-humanos (Arroyo, 2014).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marisete Alves da Silva. **O currículo da rede municipal de ensino de Correntina/Ba e as interfaces com a diversidade étnico-racial: um convite ao pensar e fazer decolonial.** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd/UESB. 2022.

ARROYO, Miguel González. **Outro Sujeitos, Outras Pedagogias.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FUCHS, Henri Luiz. **A formação docente a partir de currículos decoloniais [manuscrito]: análise de experiências instituintes em cursos de Pedagogia na Abya Yala / – 2019.**

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU V.M. (Org.) **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

XXI SEMANA ACADÊMICA

25 a 27
setembro
2024



POR UMA
UNIVERSIDADE
PÚBLICA,
DIVERSA E
INCLUSIVA

DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

NUPE
Núcleo de Pesquisa
& Estudos